

O TLPGP do léxico patrimonial galego e português como complemento de informação aos atlas linguísticos

The TLPGP of the Galician and Portuguese patrimonial lexicon as an information complement to linguistic atlases

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.27056>

João António das Pedras Saramago

Investigador Principal no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Doutorado, com distinção e louvor, em 1988, com a tese *A ilha do Corvo - Alguns aspectos linguísticos*. Trabalha no grupo de Estudos de Dialectologia.

E-mail: japasaramago@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7122-1255>

Fernando Brissos

É professor de Estudos Portugueses da Universidade de Zurique. Licenciou-se em linguística, em 2006, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se doutorou em linguística, especialidade de linguística histórica, em 2011 com uma dissertação intitulada *Linguagem do sueste da Beira no tempo e no espaço* (editada pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2012). Fez um pós-doutoramento em metodologias inovadoras aplicadas à dialetologia – fonética acústica dialetal e dialetometria, sobretudo – na mesma instituição,

onde foi posteriormente professor convidado. Os seus interesses de investigação incluem, para além da dialetologia, a história da língua portuguesa, a literatura, cultura e geopolítica do português, a crítica textual, a linguística românica e a fonética forense.

E-mail: fbrissos@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2525-1987>

RESUMO

O presente estudo pretende demonstrar a utilidade do Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (TLPGP) como vertente complementar à informação contida no Atlas Lingüístico Galego (ALGa) e no Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). Para tal, far-se-á um estudo dos itens lexicais contidos nas respostas obtidas a quatro conceitos cartografados nos dois atlas (via láctea, arco-íris, cume e queixo) e às respostas existentes no TLPGP para esses mesmos conceitos.

Palavras-chave: Atlas linguístico. Patrimônio galego e português. Via láctea. Arco-íris. Cume. Queixo.

ABSTRACT

This study has as its objective to demonstrate the value of the *Tesouro do léxico patrimonial galego e português* (TLPGP) as complementary source to the information contained both in the *Atlas Lingüístico Galego* (ALGa) and the *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG). To that end, a study will be done on the lexical items contained in the answers to four concepts which have been mapped in the two atlases. These concepts ‘milky way’, ‘rainbow’, ‘summit’ and ‘chin’ will be compared with the answers given by the TLPGP.

Keywords: Linguistic atlas. Galician and Portuguese Heritage. Milky way. Rainbow. Ridge. Chin.

Introdução

O título do presente estudo é, de certo modo, clarificador quanto à sua finalidade. No entanto, para se ter uma ideia concreta do espaço geográfico e linguístico abrangido, far-se-á uma descrição dos vários projectos que proporcionaram este trabalho:

- a) *O TLPGP do léxico patrimonial galego e portugués (TLPGP) é um projecto comum à Galiza, a Portugal e ao Brasil, que tem como principal finalidade a constituição de uma “base de dados lexical que permite o acesso rápido e fácil à informação contida em obras sobre o léxico dialectal.”*¹ Actualmente, estão introduzidas 181 obras, das quais 81 são da área linguística galega, 2 da área “galego-portuguesa”,² 56 da área portuguesa e 41 do Brasil.³
- b) O Atlas Lingüístico Galego (ALGa) é o projecto de geografia linguística do Instituto da Lingua Galega que pretende “describir a riqueza da variación xeográfica do galego moderno”. Durante três anos (1974–1977), foram realizados 167 inquéritos através da aplicação de um questionário de 2711 perguntas com um “promedio de 4.000 formas recollidas por localidade, coas que se creou unha base de datos de case medio millón de rexistros na que se inclúe o texto das respostas e abundante información complementaria”. A sua rede é constituída, como já se disse, por “167 puntos do dominio lingüístico (152 de Galicia e 15 das comarcas galegófonas de Asturias, León e Zamora)”.⁴
- c) O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). O seu questionário base é “essencialmente lexical, de base onomasiológica” e contém cerca de 3500 perguntas.⁵ Em 1990, esse questionário foi reduzido para cerca de 2.000, “por forma a acelerar a sua aplicação e viabilizar a prossecução do projecto. O questionário reduzido incide principalmente sobre o léxico ligado às tecnologias tradicionais, à agricultura e à agro-pecuária.” Os inquéritos para este projecto tiveram início em 1974 e foram finalizados, em território português, em 1999.⁶ A rede deste atlas é constituída por um total de 212 pontos,

¹ Cf. TLPGP.

² Cf. TLPGP

³ Em termos globais o seu conteúdo é o seguinte: 223033 registos; 58046 lemas e 94619 variantes.

⁴ Cf. ALGa.

⁵ Em 1975 as recolhas foram temporariamente interrompidas, de forma a que fossem realizados 53 inquéritos em Portugal continental (com 547 perguntas lexicais) para o *Atlas Linguarum Europae* (ALE). Cf. ALE.

⁶ Depois dessa data, ainda foram realizados alguns inquéritos na zona fronteiriça até 2004, onde ainda se falava português. Cf. ALEPG

distribuídos da seguinte forma: 176 em território continental, 17 no arquipélago dos Açores, 7 no arquipélago da Madeira e 12 em território espanhol (zonas fronteiriças).⁷

Este estudo fará uma abordagem, numa perspectiva lexical, à totalidade das respostas obtidas nestes três projectos para quatro conceitos: via láctea, arco-íris, cume e queixo. A sua escolha deve-se ao facto de se tratarem de conceitos do conhecimento geral de todos os falantes e que cobrem vários campos semânticos: o firmamento, os fenómenos atmosféricos, o corpo humano e a configuração do terreno. Serão comparados sistematicamente os resultados obtidos nos diferentes projectos e extraídas conclusões sobre a complementaridade e o aporte de informação que cada um traz.

Estudo dos conceitos

1. Via láctea (mapas 2.1a, 2.1b, 2.1c)

Numa visão mais larga das respostas obtidas nos dois territórios linguísticos, pode constatar-se que, exceptuando a resposta *poldras*, num só ponto do ALGa (O1)⁸, todas as outras são compostas. Nestas, é desde logo possível verificar que o primeiro elemento estabelece uma diferença principal entre os dois domínios: *camiño / caminho*, na Galiza e raramente em Portugal (três pontos no nordeste transmontano (Bç 1, 3, 4) e em Barrancos – Beja (B 5), *camín*, no extremo nordeste da região, nas Astúrias (A 1-7), em dois pontos do norte de Leão (LE 1, 2) e do nordeste de Lugo (L 13, 21, 23, 25, 27) e *estrada*, apenas em Portugal (VC 2; VR 1, 2; G 1; C 2; L 1; Pl 3; Aç 3, 9, 17).

Ainda para o primeiro elemento, mas já com frequências bem menores, pode verificar-se o seguinte:

- (i) *carreiro*, na Galiza, foi recolhido em duas localidades: Cambados (P 12 – ALGa) e Melide (16 – TLPGP) e, em Portugal, em onze (Açores (Aç 3, 9, 17); Coimbra (C 2), Guarda (G 1, 2), Leiria (L 1), Portalegre (Pl 3), Viana do Castelo (VC 2) e Vila Real (VR 1, 2);
- (ii) *carreira* apenas aparece num ponto do ALGa (L16) e num ponto do TLPGP (S. Miguel – Açores); por sua vez, *carrín* apenas foi obtido num ponto de Lugo (L 8 – ALGa) e *carro* em duas localidades de Lugo (uma no TLPGP: Valadouro (1) e outra no ALGa: L12);

⁷ O questionário integral foi aplicado em 70 localidades e o reduzido em 142.

⁸ Para facilitar a localização de cada uma das localidades referidas, apresenta-se cada uma das redes de pontos dos três projectos sem símbolos e iniciada por 0: 0.1 – ALEPG; 0.2 – ALGa; 0.3 – TLPGP.

- (iii) *vía* apenas aparece em Santa Comba (31);
- (iv) *carrilleira* (O 10), *carretera* (O 20, P 31), *vereda* (O 15) e *carrín* (L 8) são formas que apenas se encontram no ALGa.

Passando para o segundo elemento, é possível determinar, do ponto de vista etnográfico-religioso, várias diferenças nos dois domínios linguísticos:

- (i) *Santiago* (*San-Tiago*) indica, para além do santo homónimo, o local para onde se dirigiam as peregrinações, na Galiza (Portugal e Galiza);
- (ii) *san Andrés* (de Teixido) – apenas recolhido no TLPGP (Guitiriz (10), Curtis (11), Vila de Cruces (32) e no ALGa (P 6, 13,14,15; C 35, 36, 40, 42, 46; L 1, 4, 6,9, 12, 15, 28);
- (iii) *san Campio*, recolhido no ALGa (um ponto da Corunha: C 31); continuando no registo hagiográfico, ter-se-á de referir: (iv) *nossa Senhora* (em Portugal, Setúbal (St 4:); (v) *são Vicente* (St 2); passando para o aspecto nocturno do firmamento: *estrelas*, ponto P 12 do ALGa e em Melide (16) (TLPGP); relativamente a destinos físicos; *Galiza*, em dois pontos: um de Castelo Branco (CB 3) e outro de Viseu (V 2) e *Algarve*, num ponto de Setúbal (St 1); como “inovação” tem-se, em Portugal, referência a profissões: *almocreve* em dois pontos de Évora – E 4, 5), *pastor*, num ponto da Guarda: G 2) e *moleiro* (TLPGP – Alandroal (21); no que diz respeito ao revestimento ou ao tipo de via de comunicação, existe uma resposta em Viseu: *macadame* (ALEPG: V 2) e outra: *real* em Aranga (9) – Corunha; quanto à referência da cor: *láctea*, em Santa Comba (31).

Quanto à localização de respostas comuns às três ou duas das fontes, pode constatar-se o seguinte:

- (i) *carreiro das estrelas* apenas aparece na Galiza: em Cambados (P 12) no ALGa e em Melide (16) no TLPGP. É de realçar a significativa distância entre estas duas localidades;
- (ii) *carro de Santiago* encontra-se em duas localidades de Lugo: Pastoriza (ALGa) e Valadouro (1) (TLPGP). Neste caso as duas localidades encontram-se bem mais próximas do que no caso anterior. Digno de realce é o facto de Valadouro pertencer também à rede do ALGa (L 5) e não apresentar resposta para este conceito no atlas;
- (iii) *camiño real* (Aranga (9)) e *via láctea* (Santa Comba (31)) apenas aparecem no TLPGP (Galiza);
- (iv) *camiño de san Campio* é “exclusivo” do ALGa (C4, 25, 31);

- (v) *carreiro / carreira de Santiago* existe nas três fontes: no TLPGP, só em Portugal (Ourém (12) e nas ilhas da Madeira, S. Miguel e S. Jorge); no ALEPG, em 7 pontos do Continente (L 1, C 2, Pl 3, G 1, VC 2, VR 1, 2) e em 3 dos Açores Aç 3, 7, 17); no ALGa, apenas num ponto de Pontevedra (P 12).

Apenas numa das fontes: (i) *estrada dos moleiros*, no TLPGP, em Alandroal (21); (ii) *estrada dos almocreves*, em 2 pontos do distrito de Évora (ALEPG: E 4, 5)); (iii) *carreiro do pastor*, 1 ponto da Guarda (ALEPG: G 2); (iv) *camiño real* (9) e *via láctea*, (31) aparecem no TLPGP (Galiza); (v) *camiño de san Campio*, em 3 pontos da Corunha (C 4, 25, 31); (vi) *estrada de macadame*, 1 ponto em Viseu (ALEPG: V 2); (vii) *estrada da Galiza*, 1 ponto em Castelo Branco (CB 3) e outro em Viseu (V 2); (viii) *estrada do Algarve* (St 1), *estrada de S. Vicente* (St 2) e *caminho de Nossa Senhora*, 1 ponto em Setúbal (St 4); (ix) *vereda de Santiago*, 1 ponto de Ourense (O 15 - ALGa); (x) *carrín de Santiago*, 1 ponto de Lugo (L 8); (xi) *carretera de Santiago*, 1 ponto de Ourense (O 20).

2. Queixo (mapas 2.2a, 2.2b, 2.2c, 2.2d)

O comentário das respostas a este conceito contará com mais uma fonte de informação externa aos dois atlas linguísticos e ao TLPGP: trata-se do artigo do Prof. Lindley Cintra “Áreas lexicais no território português”, em que um dos oito mapas desse estudo é o do *queixo*, com base nos dados recolhidos no território continental português, nos anos 1953-54, para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI).

Será pelos quatro itens lexicais recolhidos para o ALPI⁹ que se iniciará a presente análise: *queixo / queijo, barba, papo e barbela / barbadela*;

- (i) apesar de Cintra colocar na legenda a realização sonora a par da correspondente palatal surda, não é fornecida informação geográfica sobre *queijo*. No TLPGP e no ALEPG, ele ocorre respectivamente em duas localidades (Vila do Conde (4) e Arcos de Valdevez (1) e em cinco (Br 4, P 3), (VC 1, 2, 3);
- (ii) no ALPI, a área ocupada por *queixo* é descrita pelo autor do seguinte modo: “em toda a faixa ocidental, desde o Minho até ao Algarve, e estende-se a partir daí mais ou menos profundamente (quase todo o Minho, todo o Douro Litoral, o leste e o centro da Beira Alta, a maior parte da Beira Litoral, alguns pontos da Beira Baixa, toda a Estremadura, todo o Ribatejo, o Alentejo – com a excepção

⁹ Cf. ALPI

de alguns lugares próximos da fronteira –, o ocidente e algum ponto do sul do Algarve”);

- (iii) olhando para as localidades portuguesas do TLPGP, o termo ocorre em 10 do continente (Vila Real de Santo António (20), Alandroal (21), Elvas (16), Campo Maior (15), Marvão (14), Penela (9), Sátão (7), Mêda (6), Vila do Conde (4), Arcos de Valdevez (1), nem sempre coincidentes com a área descrita por Cintra, e em duas ilhas dos Açores (Faial e Terceira . No ALEPG, *queixo* ocupa a totalidade dos quatro distritos a sul do Tejo e toda a faixa ocidental a norte desse rio, o que demonstra um alargamento da área ocupada por este termo no território continental;
- (iv) nos dois arquipélagos, é único na Madeira (M 1, 2, 4, 5) e Porto Santo (M 7) e maioritário nos Açores (Aç 1, 4, 6, 8, 10, 11, 13-17);
- (v) no ALGa, esta designação ocupa praticamente toda a faixa ocidental da Galiza;
- (vi) na informação existente no TLPGP para esta mesma denominação, pode verificar-se a sua existência em áreas coincidentes com as do ALGa;
- (vii) como derivados de *queixo*, existem *queixelo* (Galiza: TLPGP (Valadouro (1), Guitiriz (10), Aranga (9), Curtís (11), Melide (16), Monterroso (19), Guntín (18)); e ALGa (C 9, 14, 15, 25, 26, 28, 32, 36; L 5, 11, 20, 24, 28, 31; P 2, 8); e *queixada*, no TLPGP: Portugal (Vila do Conde (4), Ourém (12)) e Galiza (Pedrafita do Cebreiro (23), Ramirás (26), Laxe (7), Dumbría (14)). *Queixelo* ocupa uma área bastante coincidente no TLPGP e no ALGa, o que demonstra uma certa estabilidade deste termo. Quanto a *queixada*, a designação ocorre em dois pontos do noroeste da Corunha (Laxe (7) e Dumbría (14)) e num ponto do Douro Litoral (Vila do Conde (4));
- (viii) *barba*, o segundo termo a ser estudado por Cintra, encontra-se, ainda consoante a sua descrição, “na maior parte de Trás-os-Montes e da Beira Alta, na Beira Baixa e no norte do Alto Alentejo. Reaparece mais ao sul, em Barrancos e numa parte do Algarve oriental”. No território português, no TLPGP, verifica-se um maior espaçamento territorial: enquanto no ALPI o termo se encontra em 24 pontos, no TLPGP aparece apenas em 8 (Marvão, Sabugal, Idanha-a-Nova, Nisa, Mêda, Castro Marim, Alijó). De salientar a existência de *barba* em 3 ilhas açorianas (Faial - 3, S. Jorge - 5 e Terceira - 7);
- (ix) quanto a *barbela* / *barbadela*, diz Cintra que “só as encontrei numa zona do Minho e, isoladamente, uma delas, na Beira, convivendo com *queixo*”. Iniciando pelo TLPGP, pode ver-se que *barbela* (*barbilla*, em galego) e *barbadela* foram

registados em Vila do Conde, Celorico de Basto (Portugal) e, na Galiza, em Fonsagrada (12), Taramundi (6), Guntín (18), Monterroso (19). Quanto ao ALEPG, a área referida por Cintra ainda é coincidente. Passando para o ALGa, as áreas de *barbela*, *barbilla*, *barbadela* e, também, *barbarote* apenas são coincidentes no oriente de Lugo e num ponto meridional da Corunha (junto a Pontevedra: C 49). No ALGa, há ainda a referir uma série de variantes que não ocorrem no TLPGP: *barbadella*, (A 2) *barbirote*, (L 23, 29; LE 3, 4; O 12) *barbarigote*, (L 34) *balbirote*, (O 9; LE 2) *balbarote*, (L 32, 33, 35) *barbante* (L13).

- (x) passando para o último item lexical de Cintra, *papo*, pode constatar-se o seguinte: no seu artigo é apenas referida a sua recolha em 4 localidades de Trás-os-Montes. No ALEPG, foi recolhido numa só localidade da mesma região (Bç 9) e em nenhuma do TLPGP;
- (xi) na Galiza, para o TLPGP, o termo encontra-se atestado em Gudiña (29), Porto (27), Vilardevós (30) e Leiro (24). No ALGa, a área abrangida é bem maior: em 15 localidades de Ourense (O 1, 6, 7, 14, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30), em 3 de Zamora (Z 1, 2, 3), 1 de Lugo (L 36) e de Pontevedra (P 11) e 2 no litoral poente da Corunha (C 37, 43). Há ainda a acrescentar as variantes: *papirote* (norte de Ourense: O 11) e *parparigote* (sul de Lugo: L 39);
- (xii) por sua vez, *bico* aparece apenas na Galiza: (em 4 localidades do TLPGP (Abadín (5), Vilalba (4), Xernade (3), Capela (2) e em 18 do ALGa – 9 em Lugo (L 1-3, 7, 9, 10, 12, 14, 17) e 9 na Corunha (C 1-9) na zona norte;
- (xiii) *pera* / *pêra* foi recolhido para o TLPGP num ponto português – Mêda (6), na Guarda e num ponto do ALGa – Ferrol (C 7), na Corunha;
- (xiv) *mentón* apenas aparece no TLPGP – Porto (27);
- (xv) *carrillo* / *carrilho* estão atestados no ALGa – Fisterra – C 34 (Corunha) e no ALEPG – ilha da Terceira (Aç 12);
- (xvi) outras designações que só aparecem no ALGa: *perilla* – Tapis de Cesariago – A 1 (Astúrias) e Candin – LE 1 (Leão), *beche* – Lán cara – L 26 (Lugo), *cacín* – A 6 Pesoz (Astúrias) e *petelo* – L 22 (Lugo);
- (xvii) para o final, deixou-se propositadamente *carríño* / *carrinho* que ocorre nas 3 fontes: no ALGa – Muxía e Fisterra – C 21, 24 (Corunha), no TLPGP – Cee (13) e em 2 ilhas açorianas (Faial e S. Jorge) e no ALEPG – apenas nos Açores (Corvo – Aç 1, Flores – Aç 3, Faial – Aç 4 e S. Jorge – Aç 9).

3. Arco-íris (mapas 2.3a, 2.3b, 2.3c)

Este conceito ocorre sempre com forma composta, com exceção de três locais que estão relativamente próximos, embora separados por fronteiras linguísticas importantes: Guadramil (Bç 2) (Portugal, nordeste de Bragança), que, nos dados do ALEPG, tem as formas *arco* e *arco-íris* e, no ALGa, *círco* e *arco iris* (O 22) e *zurco* (Z 1). São exceções à regra clara, no panorama galego-português, de representação linguística do conceito correspondente ao normativo português *arco-íris* com lexemas compostos. Ainda no ALGa, existem as formas *arco iris* (C 2, 13, 40, 48; P 1, 10, 12, 18, L 1, 4,7, 26, 32, 37; O 8, 14, 18, 21, 23, 26, 29, 30; A 1, 2, 5, 7; LE 5; Z2), *arco de iris* (O 17) e *arco liris* (C 16). Passamos agora para uma análise de cada um dos subpanoramas contidos nos dados.

Pode considerar-se que, de acordo com a informação contida no ALEPG, existem em Portugal, tanto no continente como nas ilhas, três ordens de formas: as dominantes, as residuais ou pouco representativas e uma forma intermédia, i.e. uma forma com um nível de ocorrência situado entre as primeiras e as últimas.

- a) As formas dominantes são *arco-íris* e *arco-da-velha* (*arco-das-velhas*, *arco-da-velho*), que, juntas, representam quase três quartos dos dados: 82 locais diferentes = 38% dos dados totais (214 ocorrências na rede de pontos de inquérito), no caso da primeira, e 71 = 33%, no da segunda. Ambas as formas estão bem dispersas de norte a sul do país continental, embora a primeira se atenuie no interior sul e a segunda quase desapareça no litoral centro e norte. Nas ilhas, o panorama de ligeiro predomínio do tipo *arco-íris* também se faz sentir, na medida em que (i) no arquipélago da Madeira, existem cinco ocorrências de *arco-íris* para uma de *arco-da-velha* e (ii) nos Açores, o primeiro tipo ocorre em todas as nove ilhas, ao passo que o segundo ocorre apenas na maioria: cinco ilhas, nomeadamente Corvo, Flores, Pico, São Miguel e Santa Maria (Aç 1, 3, 6, 13-17).
- b) A forma intermédia é *arco-celeste* (*arcos-celestes*), que tem atestações em 34 locais = 16% dos dados. Esta variante não foi registada nas ilhas, o que é relevante, e, embora esteja atestada do extremo norte ao extremo sul do continente, tem muito maior presença no centro-sul, exponencialmente no sudoeste.
- c) As formas residuais ou pouco representativas, pelo contrário, não apresentam sempre coerência geográfica evidente. Começando das mais ocorrentes para as menos ocorrentes, temos: *arco-da-bela* / *arco-da-vela* / *arco-de-vela*, que ocorre em cinco locais (2% dos dados) e está atestada nos Açores (Aç 13, 14), em Aveiro (A 3), em Viseu (V 3) e em Castelo Branco (CB 6), deixando de fora o sul do

país mas ocupando uma área muito lata; *arco-virgem* / *arco-da-virgem*, também com cinco localidades, tem uma distribuição perfeitamente lata, na medida em que foi registada em duas ilhas dos Açores: São Jorge (Aç 9) e Terceira (Aç 12), Bragança (Bç 9), Santarém (S 9) e Faro (F 7); *arco-da-aliança*, com duas ocorrências, foi registada na ilha das Flores (Aç 3) e no distrito da Guarda (localidade de Escalhão – G 2)), onde também foram registadas as restantes variantes com o elemento compositivo *aliança*, a saber, *arco-da-velha-aliança* (uma ocorrência, em Barreira (G 6), perto de Escalhão) e *arco-da-nova-aliança* (uma ocorrência, em Monteiros (G 1), mais a sul mas longe das fronteiras do distrito); *cinta-de-la-raposa*, que ocorre em duas localidades do nordeste transmontano (Constantim (Bç 3) e Duas Igrejas (Bç 5)), é forma mirandesa; e a restante forma com mais de uma ocorrência, *arco-da-velha-à-tarde*, também está bem restrita geograficamente, neste caso no extremo sudeste do país (Santa Luzia (F 2) e Junqueira (F 16)). As formas com apenas uma atestação, por fim, ocorrem apenas nos Açores e acima do Tejo, o que não deixa de mostrar mais uma coerência geográfica relevante; são elas: *arco-da-paz* (ilha das Flores – Aç 2), *arco-de-Nossa-Senhora* (ilha Terceira – Aç 12), *arco-de-chuva* (São Miguel – Aç 13), *arco-Iria* (idem), *ourela-da-velha* (Rio de Onor – Bç 1, no nordeste transmontano, em área historicamente sujeita a um importante influxo do galego e do mirandês), *arco* (na mesma área, em Guadramil – Bç 2), *cinta-da-velha* (mais a sul no distrito de Bragança, em Algosó – Bç 12), *arco-da-Noé* (no distrito de Braga – Br 4, na zona do Gerês), *arco-da-arvela* (i.e. ‘alvéola’) no sul do distrito de Castelo Branco – CB 3) e as formas *arco-da-nova-aliança* e *arco-da-velha-aliança*, já comentadas.

O panorama português não deixa, portanto, de se apresentar razoavelmente organizado e coerente geograficamente. A própria variedade de formas, que é mais quantitativa do que qualitativa, mostra-o só três variantes, que combinadas chegam apenas a um total de quatro ocorrências (2% dos dados), não têm o lexema *arco*; a saber, *ourela-da-velha* (Bç 1), *cinta-de-la-raposa* (Bç 3) e *cinta-da-velha* (Bç 10), todas exclusivas do oriente transmontano, em zona de mirandês ou confinante.

A Galiza, tal como nos é descrita no ALGa, diferencia-se de Portugal nesse aspecto: 21 localidades, em 11% dos dados, não contêm *arco* (*arca*), apresentando várias possibilidades diferentes. A saber:

- variantes com *marco* (*marco da vella*, *marco das vellas*, *marco de vellas*), que ocorrem em quatro pontos da província da Corunha (C 6, 18, 32, 36), um de Pontevedra (P 8) e dois de Ourense (O 27, 28), numa área que vai do norte ao sul da Galiza, mas deixa de fora a maior parte da sua metade oriental (toda a província de Lugo incluída). A forma *marco das vellas* é exclusiva de Ourense (localidades de Baltar (O 27) e Calvos de Randín (O 28), que são contíguas na rede e se localizam junto à fronteira portuguesa) e a forma sem artigo, *marco de*

vellas, é exclusiva da Corunha (localidades de Pontes de García Rodríguez (C 8) e Toques (C 32), junto à fronteira com Lugo mas afastadas longitudinalmente); a forma singular e com artigo, *marco da vella*, verifica-se na Corunha (C 18) e em Pontevedra (P 8), numa área estendida do Atlântico à fronteira com Lugo;

- variantes com *barco* (*barco da vella* (P 24, C 11) *barco de vella* e *barco de vello* (C 33), que ocorrem só no ocidente da Galiza (províncias de Corunha e Pontevedra), mas de norte a sul; em qualquer caso, ocorrem sempre junto ou perto do mar, o que permite supor uma influência do léxico marítimo no surgimento das variantes. Concretamente, temos *barco de vella* na localidade da Corunha propriamente dita (C 11) e em Vigo (P 24) (sudoeste de Pontevedra), e as outras duas formas atestadas num só ponto: Mazaricos (C 33), no ocidente da província da Corunha;
- variantes com *circo* / *zurco*: (*circo da vella* (C 21, 34, 37, 43; O 21; Z 1, 2), *circo*, *zurco*), que ocorrem em duas áreas muito restritas, mas opostas: o extremo ocidente da província da Corunha (portanto no noroeste da Galiza) e o extremo sudoeste de Ourense e zona confinante de Zamora (sudeste da região coberta pelo ALGa). As formas simples, contudo, têm uma distribuição mais específica, como já se viu: *circo* ocorre apenas num ponto de Ourense (O 22) e *zurco* num de Zamora (Z 1). A forma composta (*circo da vella*) é, portanto, a única deste grupo que tem uma distribuição geográfica estendida;
- por último, a forma isolada *risco da vella*, que ocorre num canto de Pontevedra junto ao Atlântico: Grove (P 13).

O panorama galego que nos é oferecido pelo ALGa diferencia-se do português também no segundo elemento compositivo: enquanto em Portugal a variante *arco-íris* é a mais ocorrente, com 38% das atestações, seguida de perto por *arco-da-velha* (*arco-das-velhas*, *arco-da-velho*), com 33%, na Galiza é justamente o elemento *vella(s)* / *vello* (= port. *velha/o*) que domina, com 158 = 79% das ocorrências. Se considerarmos apenas as variantes com *arco/a* como primeiro elemento da composição (*arco da vella*, *arco das vellas*, *arca de vellas*, *arco de vella*, *arco de vellas*), a distribuição de frequência não muda muito: 139 = 70% das atestações. É esta, muito claramente, a forma dominante no todo da Galiza, como o mapa deixa ver facilmente; são apenas bolsas isoladas que fogem a esse padrão, particularmente no extremo ocidental da Corunha e em direcção à «raia seca» (sul de Ourense, todos os pontos de Zamora). Note-se, aliás, que em nenhuma província, com excepção da «exterior» Zamora, a forma *arco da vella* (*arco das vellas*, *arca de vellas*, *arco de vella*, *arco de vellas*) foi registada em menos de ¼ das localidades: na Corunha apenas em 9 localidades = 18% da rede da província não foi atestada (C 11, 24, 32, 34, 36, 37, 43), em Pontevedra 2 (P 8, 13) = 6%, em Lugo 2 (L 1, 7) = 5%, em

Ourense 7 (O 18, 21, 22, 26, 27, 28, 30) = 23%, em León 1 (LE 6) = 20% e, finalmente, em Zamora 3 (Z 1, 2, 3) = 100%.

É precisamente na questão *arco-íris* (e formas afins) *vs.* *arco-da-velha* (e afins) que o TLPGP dá o contributo mais relevante neste conceito. Se na Galiza concorda, em traços gerais, com o ALGa, na medida em que mostra um domínio claro da segunda forma, em Portugal contrasta notavelmente com o quadro do ALEPG, pois: (i) quase não há atestações de *arco-íris*, a forma mais ocorrente no ALEPG; e (ii) há um domínio absoluto de *arco-da-velha*, a segunda forma mais ocorrente no ALEPG. São dados extremamente interessantes, que nos levam a colocar a questão de se o TLPGP pode exponenciar o grau de “*dialectalidade*” das áreas que abrange, devido ao tipo de estudos que utiliza (monografias dialectais, i.e. trabalhos apontados às variantes *não-standard*); voltaremos a este aspecto na Conclusão.

Outro aspecto em que os dados do TLPGP discordam dos do ALEPG é o índice de variedade dos Açores e do continente: no TLPGP (que não tem dados para a Madeira), as ilhas açorianas contêm maior número de formas do que o continente, ao contrário do que se passa no ALEPG. A saber:

- no TLPGP, há cinco variantes no continente: *arco-celeste* (Figureiró dos Vinhos (11), Ourém (12), Idanha-a-Nova (10), Campo Maior (15), Beja (17)), *arco-íris*, (Sátão (7), Castro Marim (19)), *arco-da-velha*, *arco-de-nossa-senhora* (Vila do Conde (4)) e *arco-da-velha-atrás* Vila Real de Santo António (20)) e nove nas ilhas (*arco-celeste* (S. Jorge), *arco-íris* (Faial), *arco-da-aliança* (S. Jorge, S. Miguel), *arco-da-vela* (S. Miguel), *arco-da-velha* (S. Jorge, S. Miguel), *arco-virgem* / *arco-da-virgem* (S. Jorge, S. Miguel), *arco-da-velha-aliança*, (S. Miguel) *arco-da-santíssima-trindade* (S. Jorge) e *arco-de-Noé* (Faial);
- no ALEPG, há quinze variantes no continente: (*arco-íris*; *arco-da-bela*, *arco-da-vela*, *arco-de-vela*; *arco-da-velha*, *arco das velhas*, *arco de velha*, *arco da velha*; *arco-da-aliança*; *arco-virgem*, *arco da virgem*; *arco-celeste*, *arcos-celestes*; *ourela-da-velha*; *arco*; *cinta-de-la-raposa*; *cinta-da-velha*; *arco-da-Noé*; *arco-da-arvela*; *arco-da-velha-à-tarde*; *arco-da-nova-aliança*; e *arco-da-velha-aliança*) e nove nos Açores (*arco-íris*; *arco-da-bela*, *arco-da-vela*, *arco-de-vela*; *arco-da-velha*, *arco-das-velhas*, *arco-de-velha*, *arco-da-velho*; *arco-da-paz*; *arco-da-aliança*; *arco-virgem*, *arco da virgem*; *arco-de-Nossa-Senhora*; *arco-de-chuva*; e *arco-Iria*).

Apesar de a falta de uma cobertura densa de todo o território português e galego nos dados contidos no TLPGP limitar conclusões mais desenvolvidas, podemos ver que o TLPGP se configura como uma fonte de considerável interesse no conceito *arco-íris*, introduzindo dados que chocam frontalmente com os do ALEPG e permitem levantar questões não apenas dialectais, mas também

metodológicas ou teóricas. Introduce também duas formas que não estão registadas nem no ALEPG nem no ALGa: *arco-da-Santíssima-Trindade* (ilha de São Jorge) e *arco-da-velha-atrás* (Vila Real de Santo António), embora tenha, no cômputo geral, menos formas atestadas, quer em Portugal quer na Galiza (como seria expectável pela rede menos densa de locais com dados disponíveis).

4. Cume (mapas 2.4a, 2.4b, 2.4b1, 2.4c)

Existe neste conceito uma grande variedade de formas registadas — o que talvez se justifique pela própria dificuldade na definição do conceito —, e é precisamente devido a essa variedade que o ALGa representa as variantes em dois mapas. Outro aspecto que dificulta a análise — e que pode também ser explicado pela dificuldade semântica do conceito — é o facto de, tanto no TLPGP como no ALEPG, os dados não dependerem de uma rede de respostas verdadeiramente densa geograficamente. Isso não nos impede, no entanto, de analisar o panorama galego-português e extrair a valia dos dados do TLPGP.

Nos dados do ALEPG, do total das 25 variantes registadas, apenas 4 chegam aos 10% do total de atestações (78), mas nem todas abrangem áreas geográficas estendidas. A saber:

- a forma *bico* foi registada em 12 localidades = 15% do total de atestações. É uma forma vincadamente meridional, pois, para além de um ponto dos Açores (Castelo Branco (Aç 4), no Faial), apenas ocorre nos distritos de Faro (6 registos: F 2, 6, 10, 11, 14, 16), Beja (4: B 2, 4, 5, 8) e Setúbal (1, mas no sul do distrito, na latitude de Beja: localidade de Porto Covo (St 1));
- *cume* ocorre em 11 localidades = 14% do total de registos, e está registada apenas a sul do Douro e nos Açores, crescendo a sua frequência no terço sul do país. Concretamente, foi atestada na ilha de S. Miguel (Aç 13) e nos distritos da Guarda (G 2), de Coimbra (C 1), Castelo Branco (CB 9), Santarém (S 1), Portalegre (Pl 1, 3), Évora (E 4) e Faro (F 1, 12, 14);
- *alto* foi atestado em 9 pontos = 10% do total dos dados. É uma forma verdadeiramente dispersa, na medida em que ocorre nos distritos de Braga (Br 2), Viseu (V 2, 5), Lisboa (Lx 1, 6), Évora (E 2, 5), Beja (B 9) e Faro (F 15);
- *cimo* é a forma mais ocorrente nos dados, pois foi registada em 13 pontos = 17% do total das atestações. É tal como *alto*, uma forma dispersa, apesar de ter mais atestações no sul do país: ocorre nos distritos de Viana do Castelo (VC 1), Viseu (V 3), Guarda (G 1), Coimbra (C 1), Leiria (L 3), Portalegre (Pl 1, 3), Évora (E 4) e Faro (F 3, 5, 10, 13, 14).

No TLPGP, a forma mais frequente é *cabeço*, que tem 4 atestações — 3 no interior centro do país (distritos de Castelo Branco (Idanha-a-Nova (10)) e Portalegre (Marvão (14), Arronches (22)) e nos Açores (São Jorge), contra as apenas 2 do ALEPG, nos distritos de Faro (F 9) e Viseu (V 1). Não deixa de ser um contraste com os dados do ALEPG, exponenciado pelo facto de a forma mais ocorrente no ALEPG, *cimo*, não estar registada pelo TLPGP em Portugal; no entanto, o total de atestações para este conceito no TLPGP é muito diminuto para permitir interpretações robustas — e é por isso um exemplo da função complementar, e não autónoma, que o TLPGP tem em relação aos atlas linguísticos. No mais, o TLPGP (i) confirma a “meridionalidade” de *bico*, pois tem apenas 2 atestações em Portugal, ambas no terço sul (Sines (18), Castro Marim (19)); (ii) regista *cume* apenas nos Açores (ilha do Faial); e (iii) encontra *alto* apenas uma vez, no norte do distrito da Guarda (Mêda (6)).

No que respeita às variantes menos ocorrentes, o TLPGP atesta três formas não representadas no ALEPG: *cerro*, no barlavento algarvio (Lagos), *fiu*, na ilha do Faial, e *pincaroto*, na Madeira (sendo que, neste caso, o ALEPG regista as variantes próximas *píncaro*, no distrito de Évora (Alcáçovas – E 2), e *picarota*, em Portalegre (Alpalhão – Pl 2).

No ALEPG, por seu lado, algumas variantes pouco ocorrentes têm coesão geográfica: *penoco* (registada em Idanha-a-Nova e Monsanto, no distrito de Castelo Branco: CB 1, 2), *coruto*, *cocuruto* (Idanha-a-Nova e Malpica do Tejo, distr. Castelo Branco: CB 1, 3), *pino* (três pontos do distr. Évora: São Romão, Arraiolos e Nossa Senhora de Machede – E 1, 3, 4) e, menos evidente, *pontal* (São Marcos da Serra (F 13), no barlavento algarvio, e Junqueira, no extremo do sotavento, junto a Espanha (F 16). São mais, contudo, as formas sem coesão geográfica: *pico* (5 atestações distribuídas pelos Açores: (Aç 12, 14), Faro (F 14), Portalegre (Pl 7) e Santarém (S 1), *coroa* (1 registo nos Açores (Aç 13) e outro em Braga (Br 3), *altura* (em Beja (B 1) e outra em Faro (F 7), mas em pontos distantes), *viso* (em Coimbra (C 1) e outra em Lisboa (Lx 2)) e o já referido *cabeço*. O panorama do conceito correspondente ao normativo *cume* é em Portugal, como se disse, marcado pela variedade. E a Galiza não é diferente a esse respeito.

No ALGa, tal como no ALEPG, (i) são poucas as formas que chegam aos 10% do total de registos, (ii) nenhuma chega aos 20% e (iii) há formas dispersas e formas concentradas geograficamente. Há a considerar:

- *pico*, com 45 atestações = 17% do total (261), forma dispersa pelas províncias abrangidas pelo atlas, mas com maior densidade no leste;
- *alto*, com 42 atestações = 16% do total, que se concentra em forma de L no ocidente e sul da região; o relacionado *alto do monte* (C 17, 29; P 28), com 3

atestações = 1% do total, insere-se na mesma coerência geográfica; *alto do lombeiro*, atestado em Lubián (Z 2), na província de Zamora, foge a essa coerência;

- *curuto* ocorre 25 vezes = 10% do total, numa distribuição nitidamente concentrada no paralelo norte da região; as formas relacionáveis *cruto* (C 42; P 4), *curuta* (C 1) e *curota* (C 48) nenhuma com mais de duas ocorrências, respeitam essa distribuição;
- *cima*, com 33 ocorrências = 13% do total, está registada de norte a sul, mas concentra-se no sul da Corunha / norte e este de Pontevedra / ocidente de Ourense;
- *coto*, que tem 25 registos = 10% do total, é uma forma notavelmente dispersa, pois não só se encontra registada de norte a sul como se concentra precisamente nas zonas norte e sul da região, exponenciando-se, contudo, no paralelo ocidental.

As diferenças para com o panorama português são fortes e claras: aos mais ocorrentes em Portugal *cimo*, *bico*, *cume* e *alto* correspondem na Galiza apenas uma forma idêntica, *alto*, e uma relacionável, *cima*.

Mas também aqui o TLPGP fornece dados contrastantes. O tipo *cume*, *cúmio*, *cumbre* é a forma mais ocorrente, com 8 abonações, que formam 21% do total (34), bem distribuídas na região (Curtís (11), Guitiris (10), Guntín (18), Navia de Suarna (17), Ramirás (26), Vila de Cruces (32), Vilardevós (30)). Seguem-se-lhe quatro formas: *bico* (Taramundi (6), Cee (13), Porto de Son (20), Carballo (8)), *pico* (*picho*) (Porto (27), Silleda (22), Castroverde (15), Estrada (21), Fonsagrada (12), Valadouro (1), Monterosso (19)), *coto* (Aranga (9), Melide (16), Navia de Suarna (17), Capela (2)) e *alto* (*alto da costa*) (Pontearas (25), Dumbria (14), Gudiña (29), Castroverde (15)).

Ora, no ALGa (i) as formas *cume*, *cúmio*, *curume*, *cumbre* e *cimbre* juntas atingem apenas um total de 18 ocorrências = 7% dos dados (respectivamente: *cume*, 5 ocorrências (O 15, 26; L 11, 18; LE 2); *cúmio*, 1 (P 9); *curume*, 1 (A 1); *cumbre*, 7 (L 19, 30; LE 4; O 3, 4, 8; Z 1); *cimbre*, 4 (L 2, 5, 6; A 2); e (ii) *bico* (C6, 12, 14, 16, 33, 37, 43, L 25, 27, 33), *bico do coto* (C 23) e *bico do monte* C 17) chegam, no total, apenas às 12 ocorrências = 5% do total. Estes factos são interessantes não só pelo contraste com o atlas linguístico como também por aproximarem a Galiza de Portugal: como vimos, *cume* e *bico* são respectivamente a terceira e segunda formas mais ocorrentes em Portugal nos materiais do ALEPG. Uma vez que os dados do TLPGP na Galiza para este conceito têm, ao contrário dos portugueses, boa abrangência geográfica, temos aqui um exemplo da importância complementar do TLPGP em relação aos atlas linguísticos, que não são autossuficientes, tanto no aspecto quantitativo — índices de

ocorrência de variantes, que acabámos de ver —, como no qualitativo — abonação de novas formas, que passamos a ver.

No caso português, vimos que o TLPGP acrescenta três formas ao inventário do ALEPG: *cerro*, *fió* e *pinaroto*. A primeira forma está atestada pelo ALGa em Lugo (Castro de Rei – L 18). A segunda encontra-se no TLPGP (Tomiñ (28) e uma, relacionável, *fió do monte* está atestada junto a Portugal, no sul de Pontevedra (P 31). Na Galiza, o TLPGP acrescenta ao inventário do ALGa e do ALEPG: *alto da costa* (Dumbría (14)); *pino / pinoco* (Mêda (6)); *curuto da costa* (Guntín (18)); e *picho* (Porto (27)). Para além disso, enquanto no ALGa existe *petouto do monte* (Baralla – (L 25), província de Lugo), no TLPGP há a forma isolada *petouto* (Melide (16), prov. Corunha). Temos em todo o caso quatro variantes (*cerro*, *fió*, *pico/picho*) em que a colação do TLPGP com os atlas linguísticos nos traz dados que esbatem diferenças entre Portugal e a Galiza, ou seja, mostram a elevada importância do recurso ao TLPGP para proceder a estudos lexicais exaustivos no eixo galego-português.

Conclusão

- (i) A possibilidade de o TLPGP exponenciar o grau de “*dialectalidade*” das zonas cobertas, devido ao tipo de dados em que se baseia, que provêm fundamentalmente de monografias dialectais. É de facto plausível que obras desse tipo, sobretudo as feitas por autores menos preparados, procurem justamente apenas o *dialecto*, e não eventuais concordâncias com a Norma, que também podem, efectivamente, fazer parte do léxico local.
- (ii) O volume de dados do TLPGP é muito inferior ao de um atlas linguístico tradicional, por via dos recursos a partir dos quais constitui o seu *corpus*: obras dialectais que, por via de uma contingência (vontade dos autores), foram publicadas sobre um dado local (e não uma campanha de recolha sistemática e directa de materiais numa rede densa de pontos de inquérito, como sucede no caso dos atlas). Ora, este facto leva a que o TLPGP proporcione dados menos abrangentes e exaustivos e, por isso, que deva ser utilizado de forma complementar aos atlas linguísticos; não assume, portanto, na típica pesquisa dialectológica, uma função puramente autónoma.
- (iii) Mas é um verdadeiro complemento, ou seja, assume um papel necessário. Pudemos observar, de facto, vários exemplos do acréscimo tanto qualitativo como quantitativo que o TLPGP traz aos materiais dos atlas linguísticos, i.e.: *a*) variantes registadas apenas no TLPGP (variantes que *escaparam* aos atlas linguísticos); e *b*) variantes já atestadas nos atlas linguísticos, mas não em locais

em que o TLPGP as atesta. Não deixamos, portanto, de verificar, embora a partir de uma amostra que está longe de ser exaustiva (apenas quatro conceitos), que a base de dados constituída pelo *TLPGP do léxico patrimonial galego e português* é um recurso fundamental a ter em conta nos estudos dialectais sobre o português e o galego.

Referencias bibliográficas

Atlas Linguarum Europae (ALE), página *web*: <http://www.clul.ulisboa.pt/pt/23-investigacao/689-ale-atlas-linguarum-europae>.

Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), página *web*: <http://www.clul.ulisboa.pt/pt/23-investigacao/681-alepg-atlas-linguistico-etnografico-de-portugal-e-da-galiza>.

CINTRA, Luís F. Lindley. Áreas lexicais no território português. **Boletim de Filologia**. Vol. XX, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1962, p.273-307.

GARCÍA MOUTON, Pilar (coord.); FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés; HEAP, David; PEREA, Maria Pilar; SARAMAGO, João; SOUSA, Xulio. **ALPI-CSIC** [www.alpi.csic.es], edición digital de Navarro Tomás, Tomás (dir.), Atlas Lingüístico de la Península Ibérica, Madrid, CSIC, 2016.

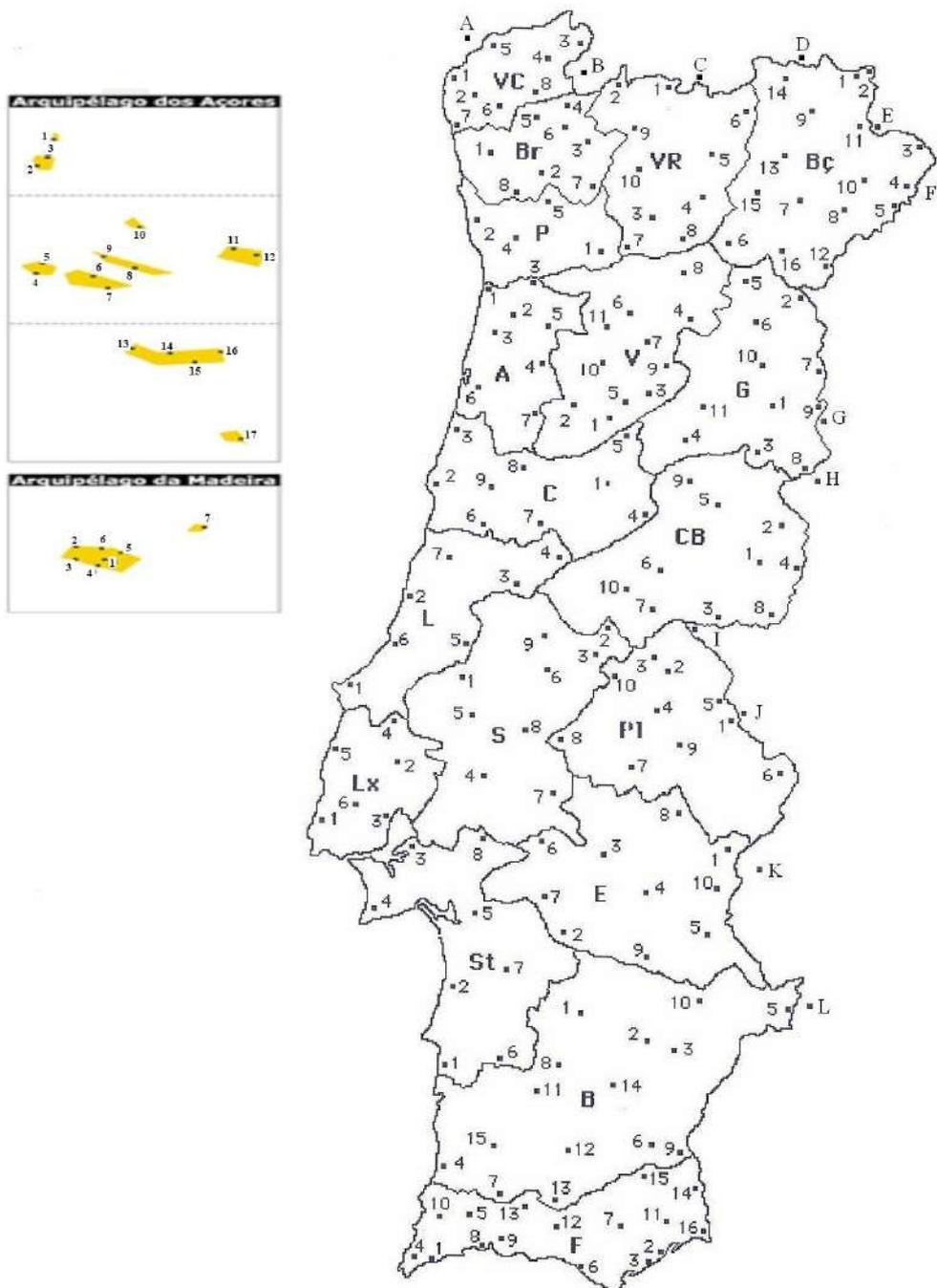
REI, Francisco Fernández; GONZÁLEZ, Manuel González; ÁLVAREZ, Rosario. **Atlas Lingüístico Galego**, Universidade de Santiago de Compostela, 2013. Disponível em: <<http://ilg.usc.es/es/proxectos/atlas-linguistico-gallego-alga>>

TLPGP do Léxico Patrimonial Galego e Portugués (TLPGP), página *web*: <http://ilg.usc.es/TLPGP/pt/>.

Mapa 0.1 – Rede ALEPG.

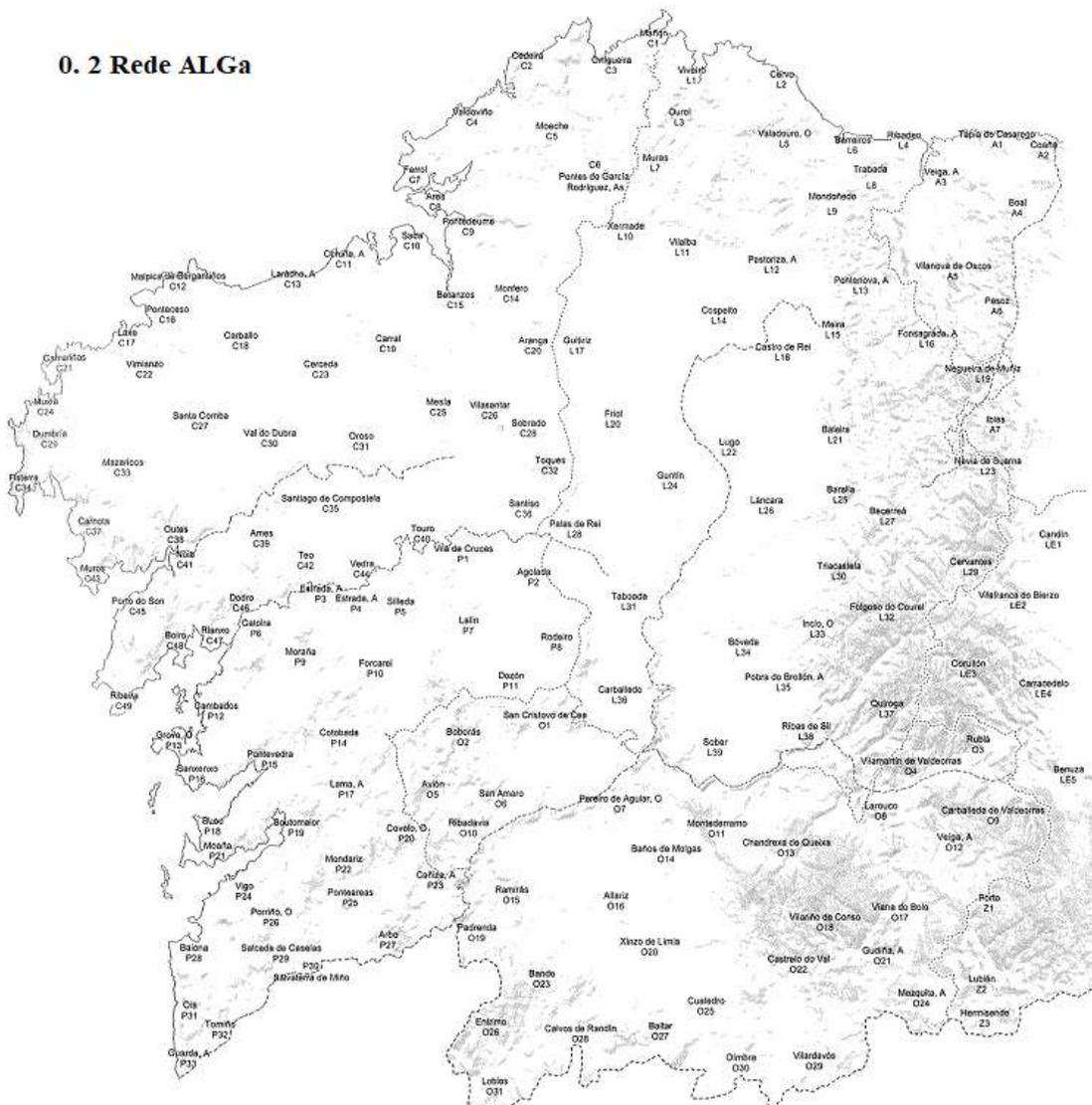
0. Redes de pontos dos projectos

0.1 Rede ALEPG

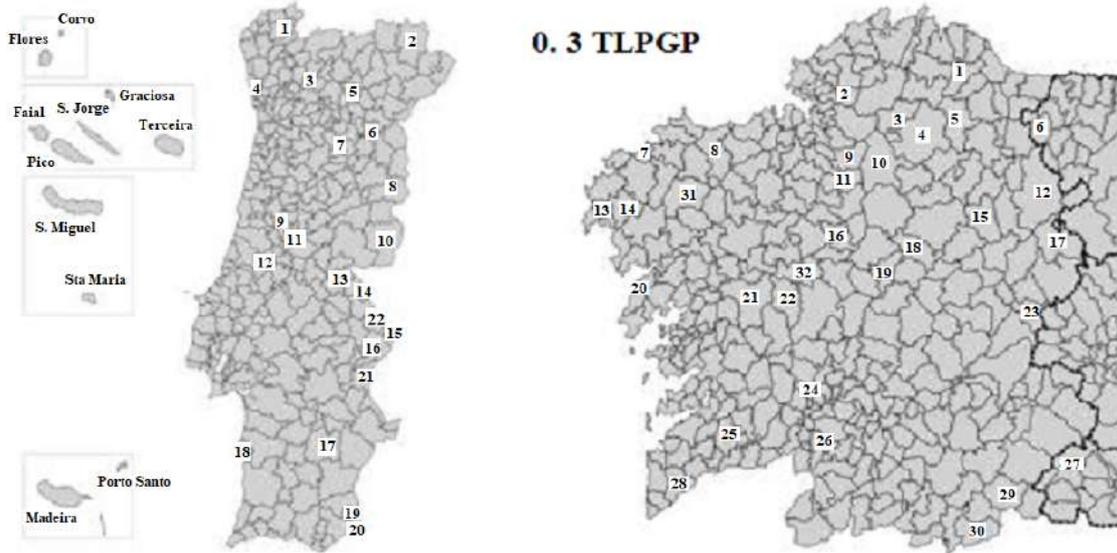


Mapa 0.2 - Rede ALGA.

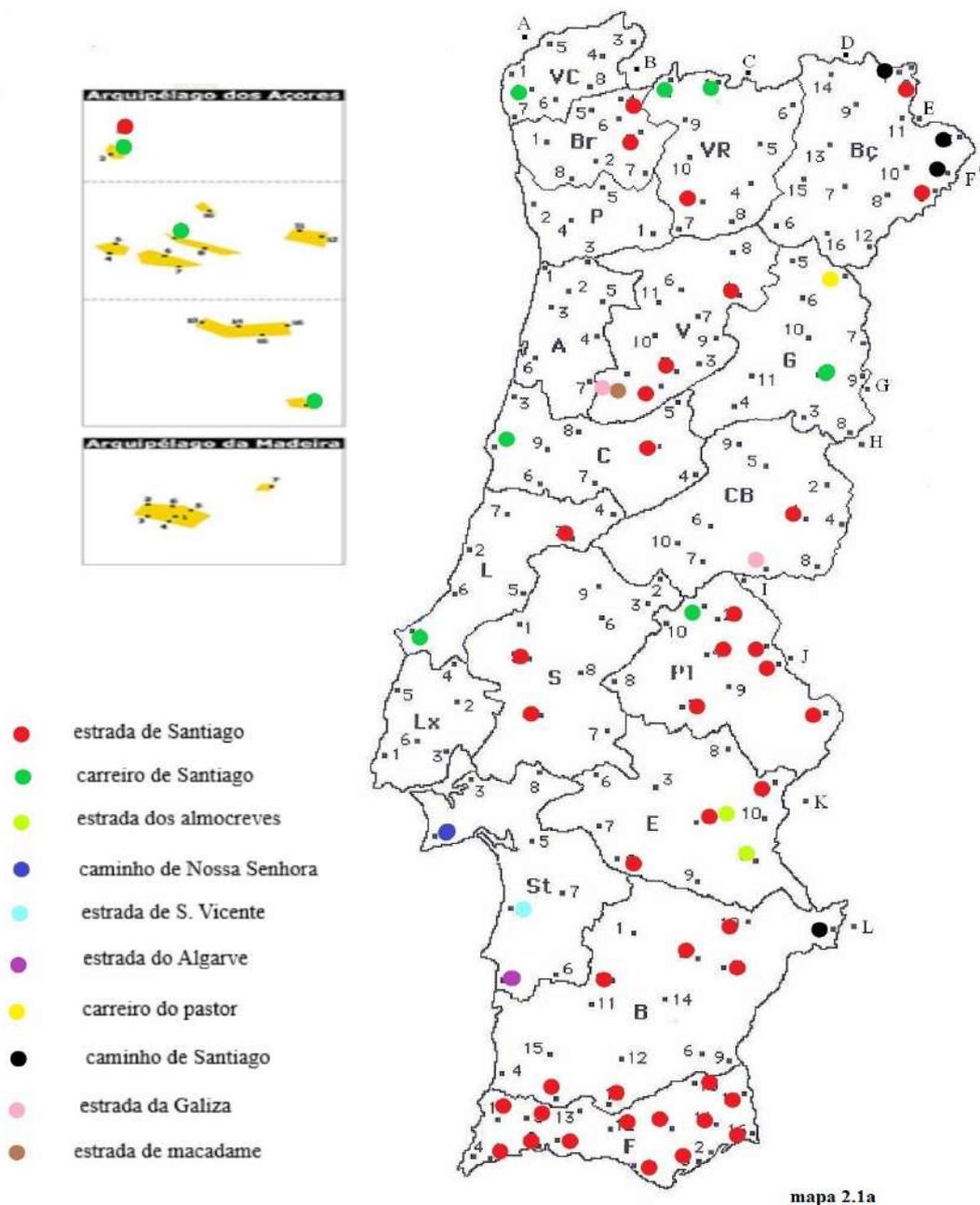
0.2 Rede ALGA



Mapa 0.3 - TLPGP.

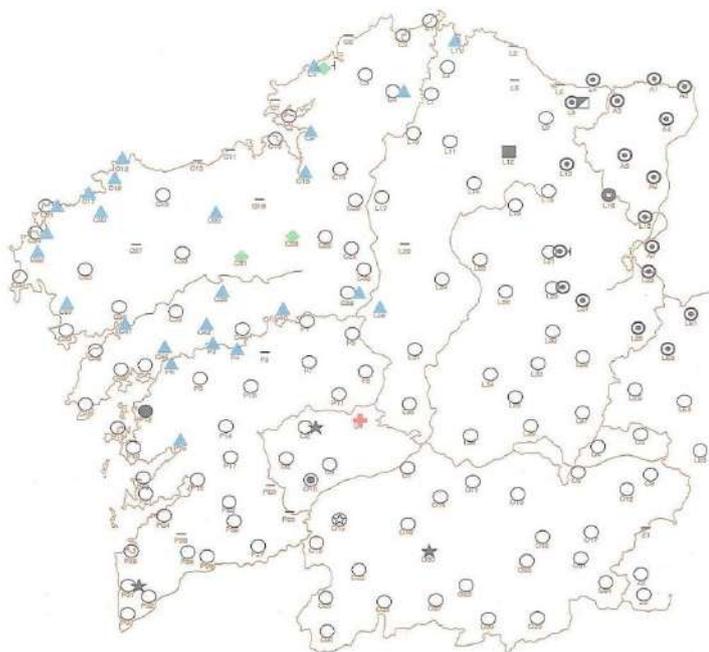


Mapa 2.1a - conceito via láctea no ALEPG.



mapa 2.1a

Mapa 2.1b – conceito via láctea no ALGa.

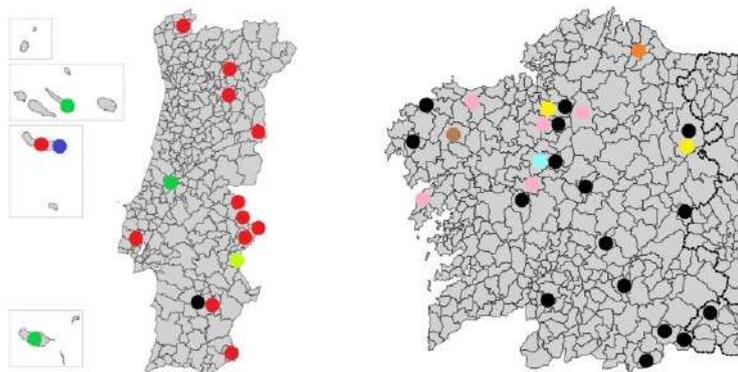


MAPA 31

- Camiño de Santiago
- ⊙ Camín de Santiago
- Carreira de Santiago
- ⊗ Carrilleira de Santiago
- ★ Carret[e]ira de Santiago
- ⊗ Vereda de Santiago
- Carro de Santiago
- ▣ Carrín de Santiago
- ▲ Camiño de san Andrés
- ▲ Camiño de san Campio
- Carreiro das estrelas
- ✚ Poldras
- s/r

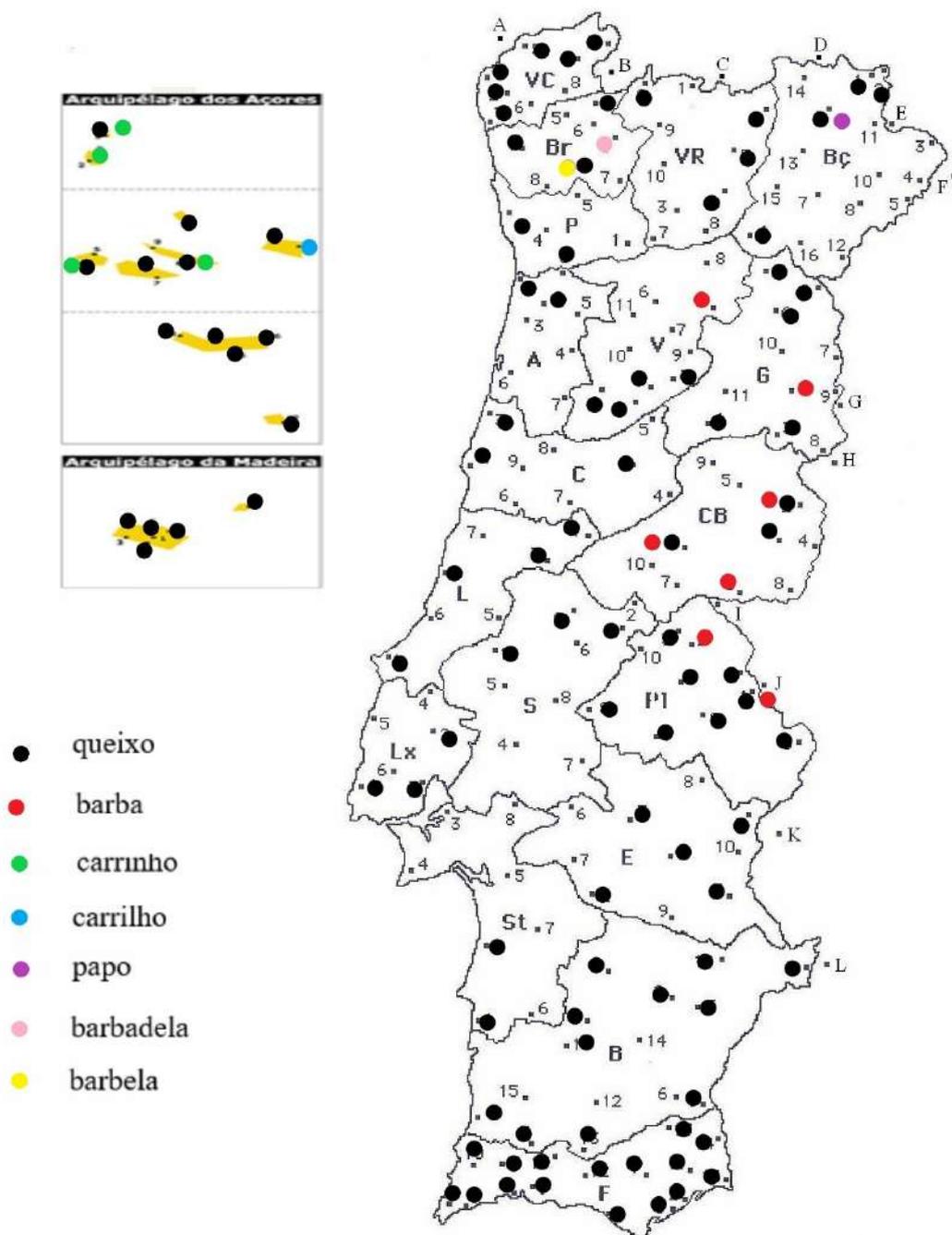
mapa 2.1b

Mapa 2.1c – conceito via láctea no TLPGP.



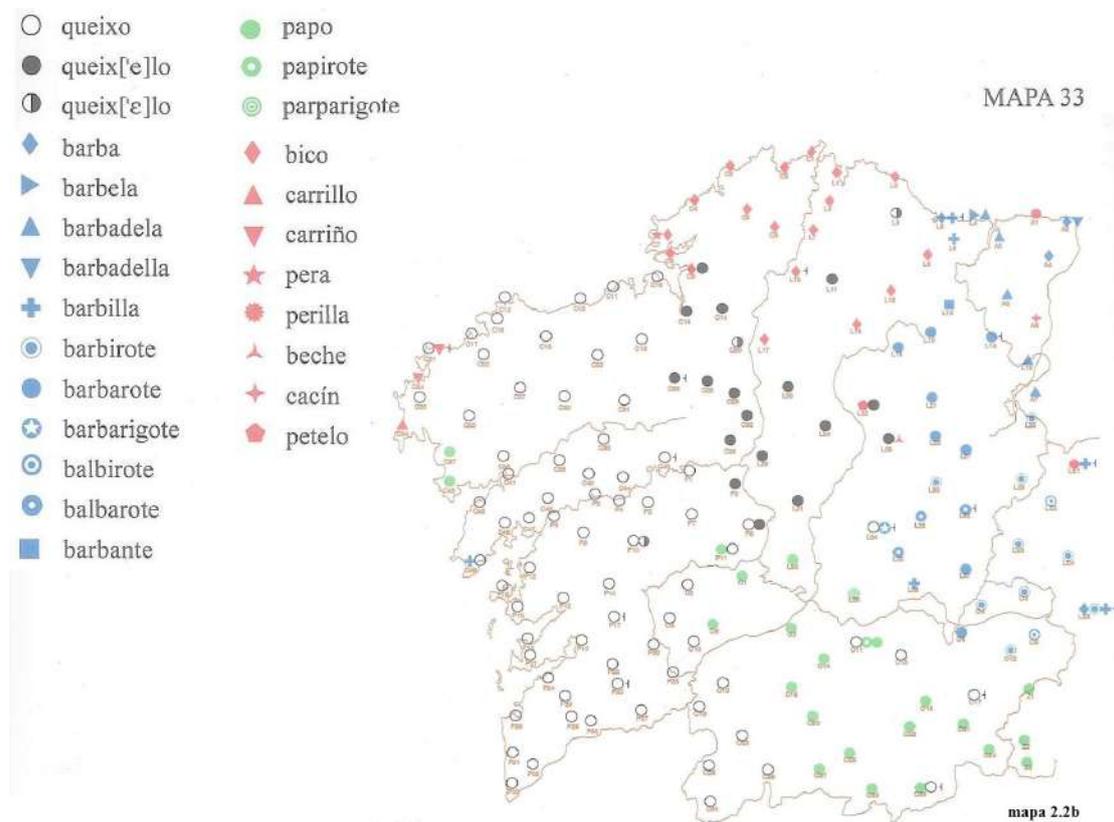
- caminho / camiño de Santiago
- estrada de Santiago
- carreiro de Santiago
- carreira de Santiago
- Via Láctea
- estrada dos moleiros
- camiño de san Andrés
- carreiro das estrelas
- camiño Real
- carro de Santiago

mapa 2.1c

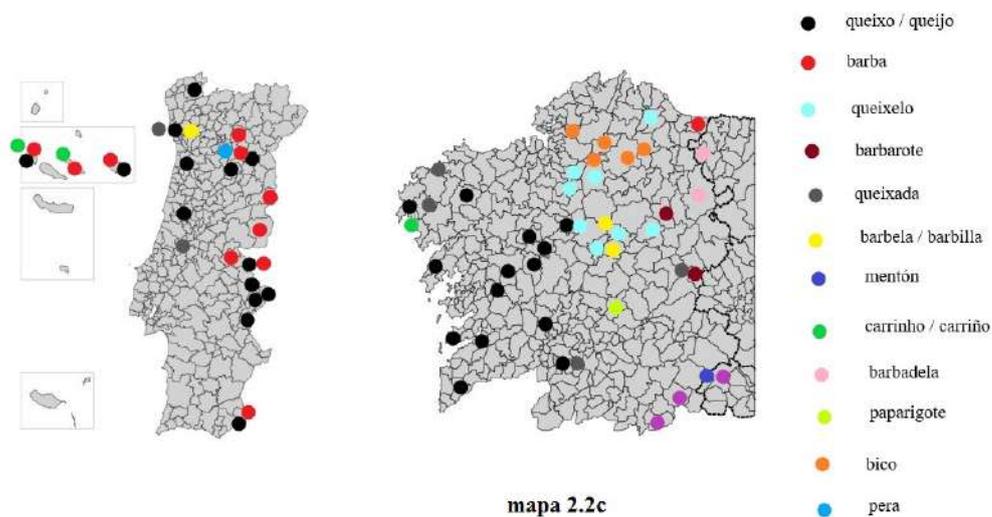


mapa 2.2a

Mapa 2.2b – conceito queixo no ALGa.

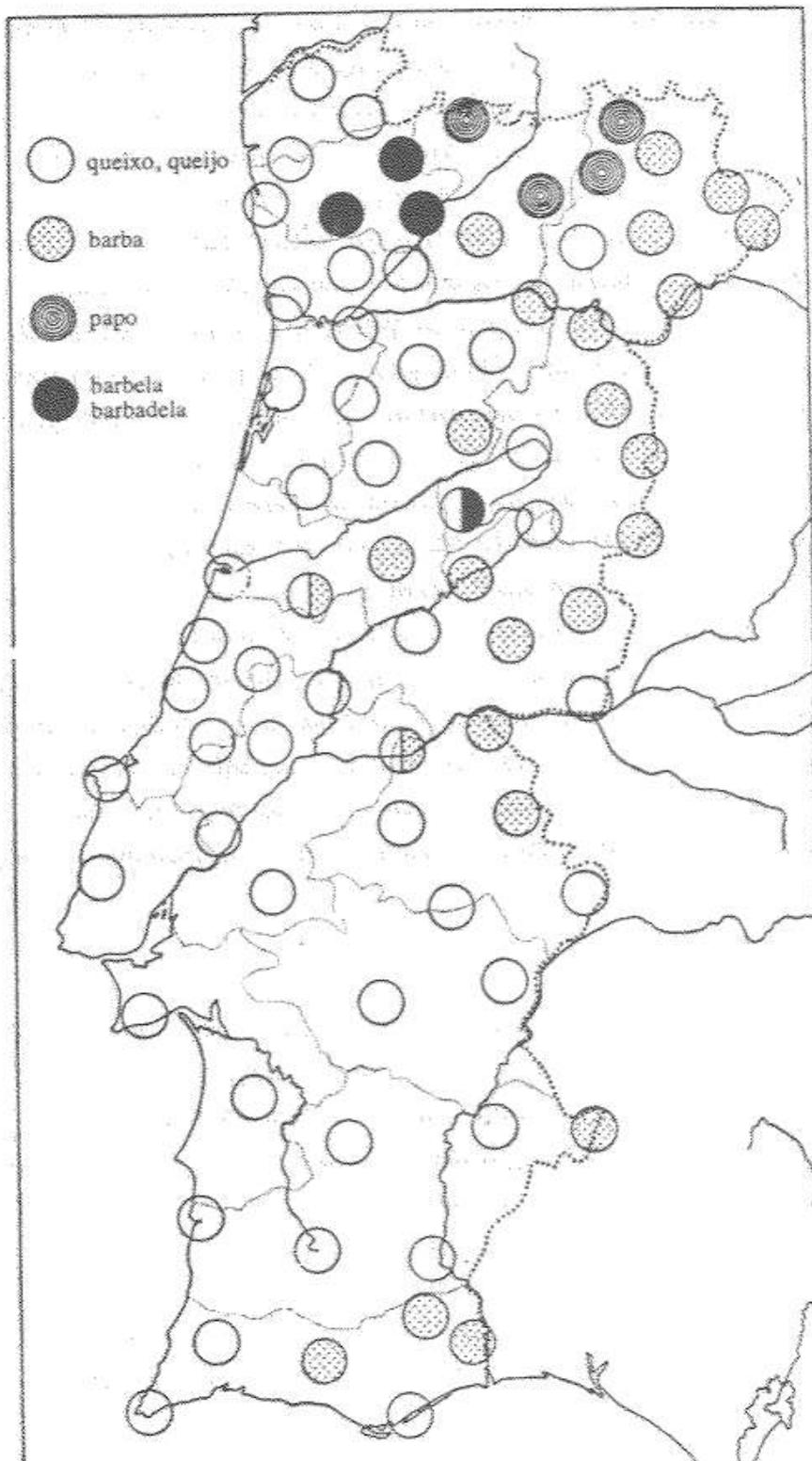


Mapa 2.2c – concepto queixo no TLPGP.



Mapa 2.2d – conceito queixo em Cintra (1962).

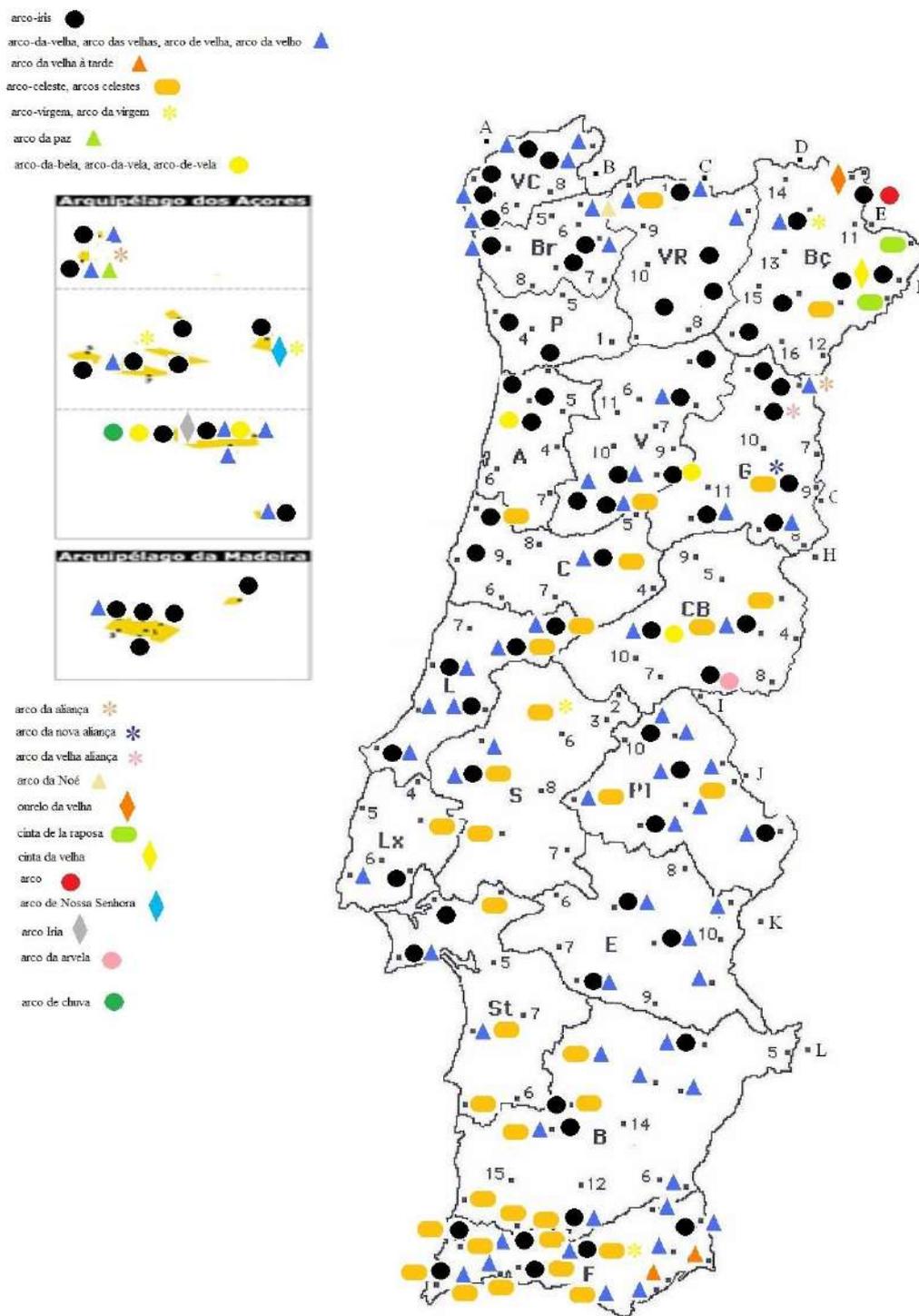
mapa 2.2d



Fonte: Cintra(1962)

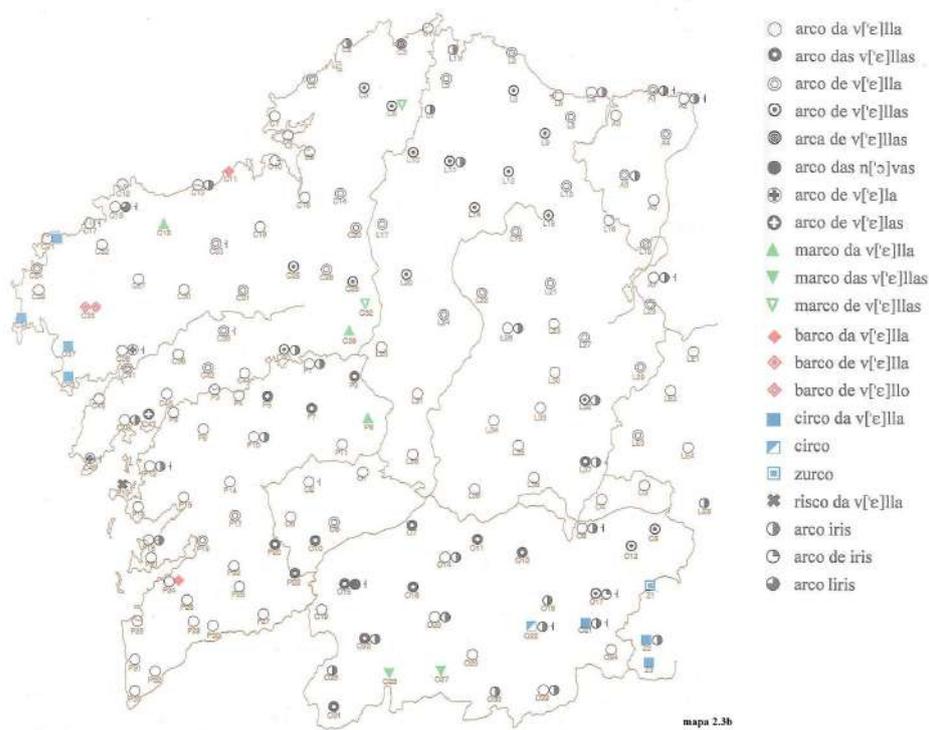
Mapa 2.3a – conceito arco-íris no ALEPG.

No ALEPG

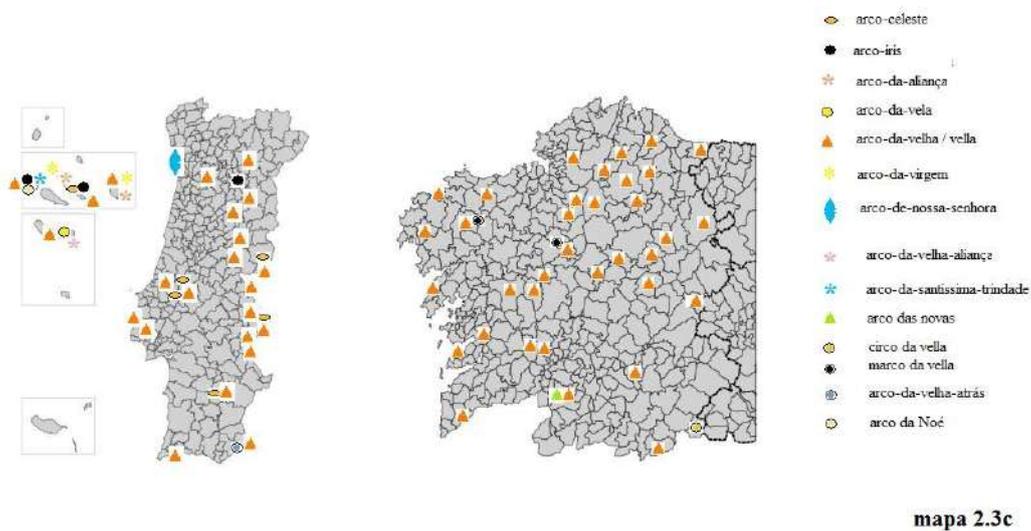


mapa 2.3a

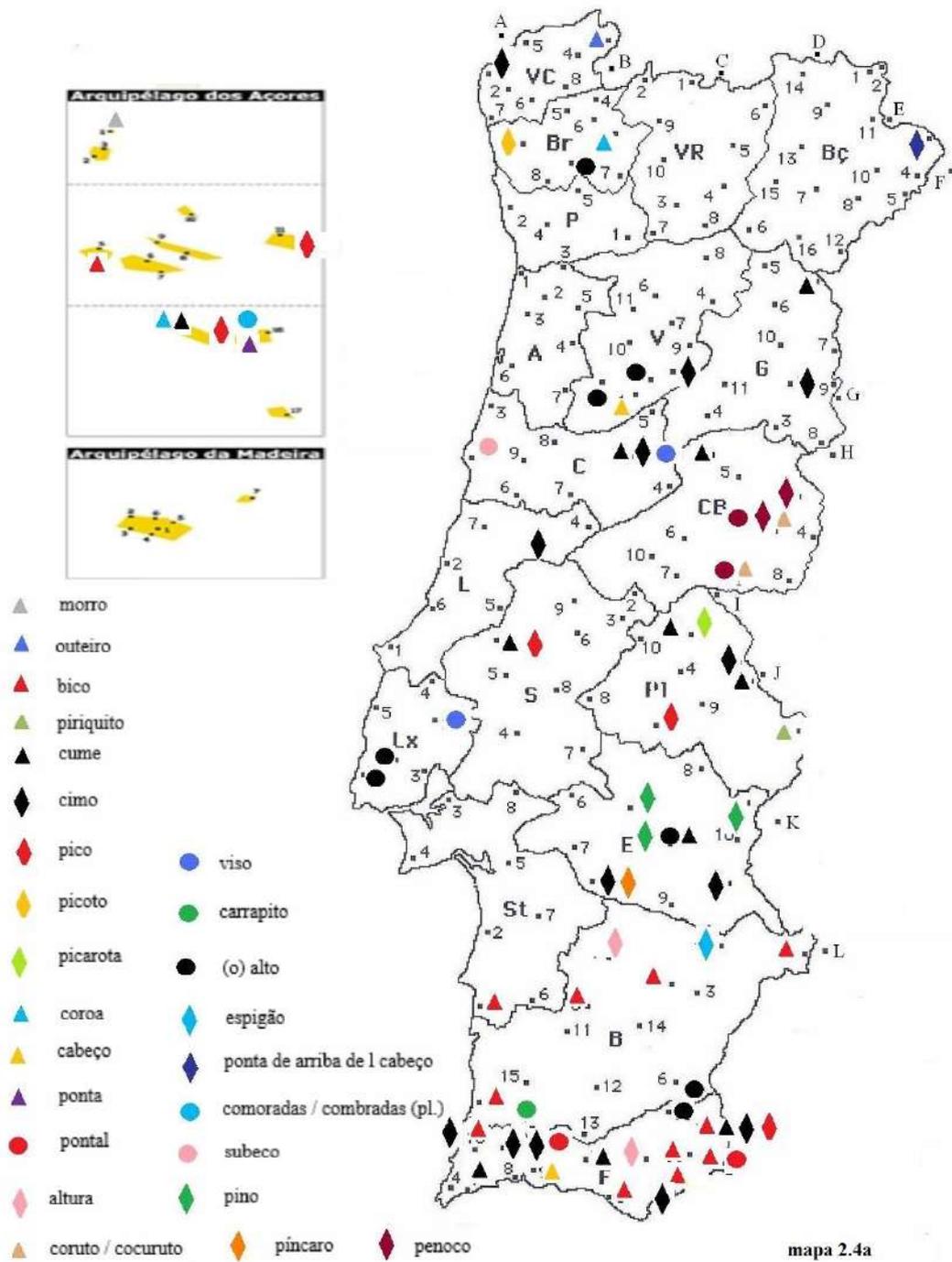
Mapa 2.3b - conceito arco-íris no ALGa.



Mapa 2.3c - conceito arco-íris no TLPGP.

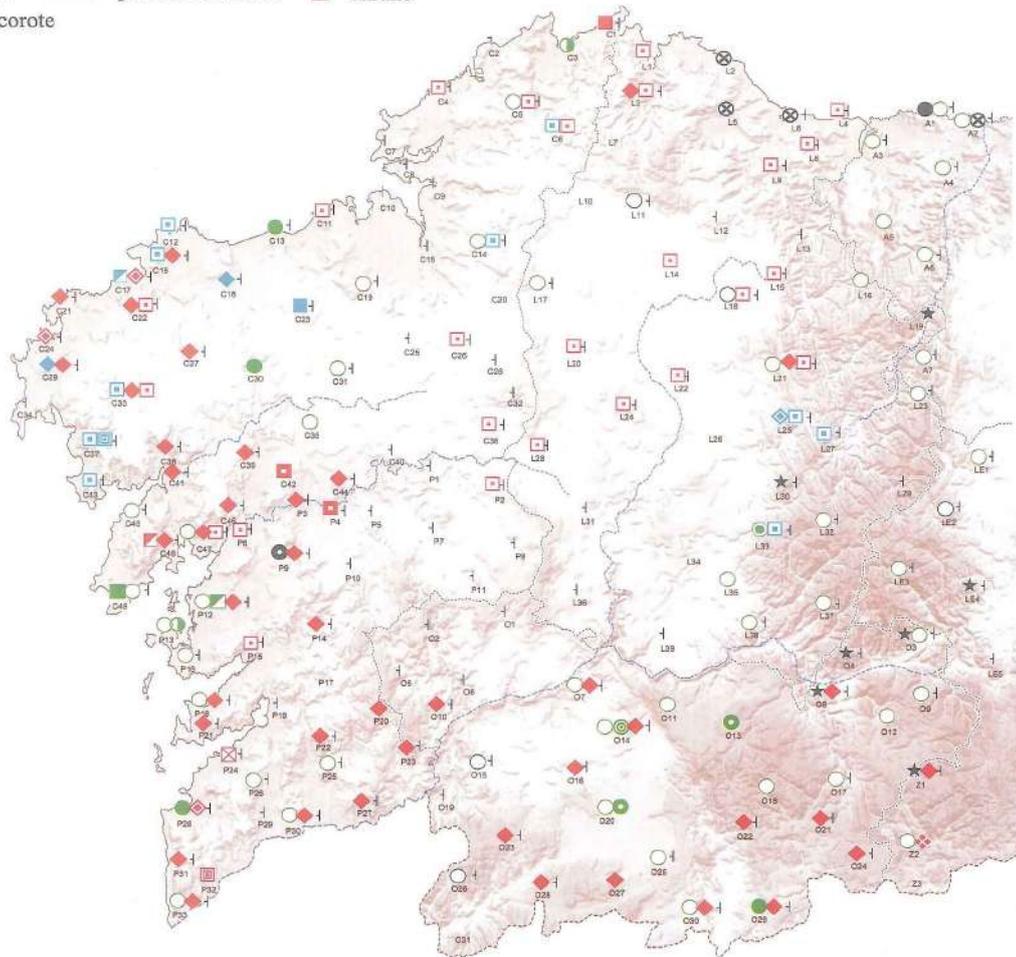


Mapa 2.4a - conceito cume no ALEPG.



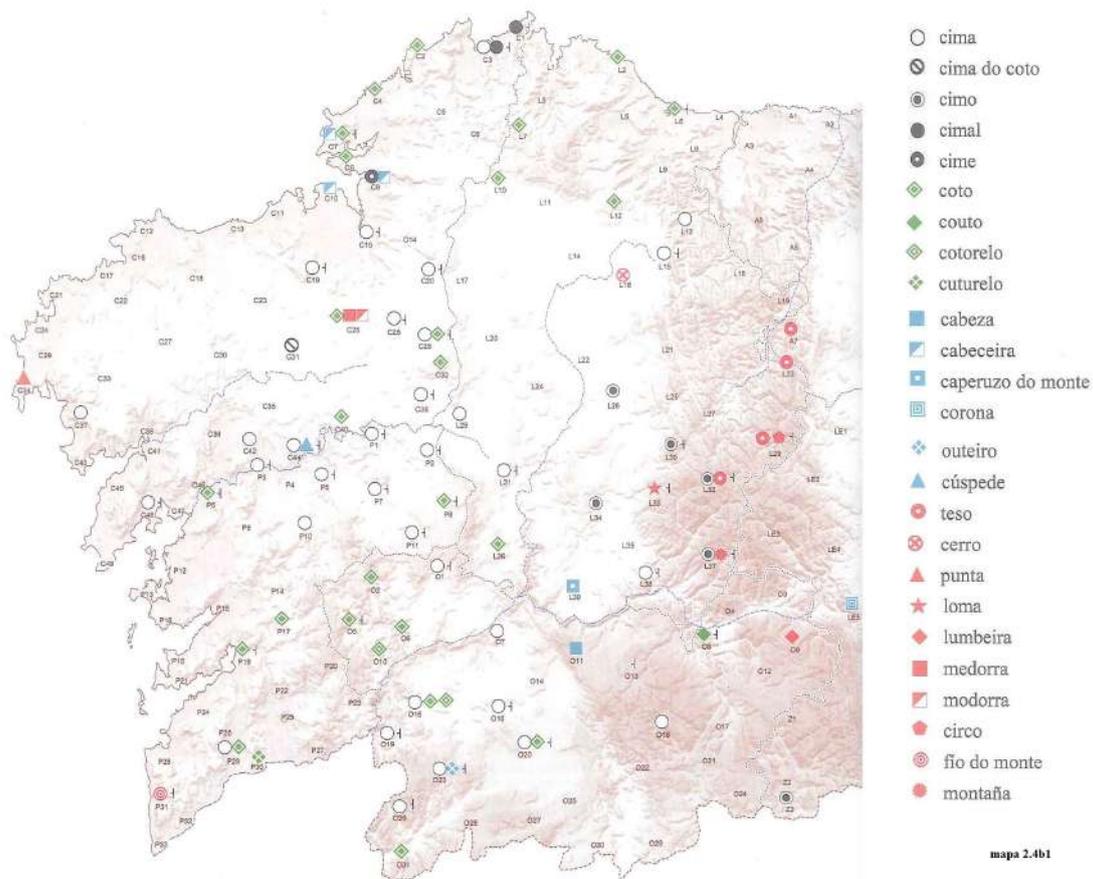
Mapa 2.4b - conceito cume no ALGa (1).

- | | | |
|--------------|--------------------|--------------------|
| ○ cume | ● picotico | ◆ alto |
| ● cumio | ■ picacho | ◆ alto do monte |
| ● curume | ▨ picacho do monte | ◆ alto do lombeiro |
| ★ cumbre | □ bico | □ curuto |
| ⊗ cimbre | ■ bico do coto | ■ cruto |
| ○ pico | ▨ bico do monte | ■ curuta |
| ● picouto | ▨ piteiro | ▨ curota |
| ● picoto | ◆ petón | ▨ curucho |
| ● piquicouto | ◆ petouto do monte | ⊗ curuxo |
| ● nicorote | | |



mapa 2.4b

Mapa 2.4b1 – conceito cume no ALGa (2).



Mapa 2.4c – conceito cume no TLPGP.

